

FEIRA MODERNA

Beth Veloso
Da equipe do Correio

A Feira Híppie — a mais tradicional de Brasília — vai mudar. Se depender da Administração de Brasília, a Feira da Torre vai ganhar cara nova. O projeto é antigo e pode deixar o papel ainda este ano. As barracas vão sair do pátio torre para ocupar uma área verde de aproximadamente 20 mil metros quadrados (corresponde a três campos de futebol) entre a torre e a Casa do Teatro Amador. A mudança será radical. Serão construídos quiosques com capacidade para 600 feirantes, sanitários públicos, parquinhos infantis, fraldário, creches e uma praça com fontes, palco e coreto, para apresentações artísticas e culturais. Tudo com iluminação e segurança.

O charme do Projeto Colméia, como foi batizado, está na arquitetura. Os quiosques, em forma de hexágono, com estrutura de PVC e cobertura de fibra de vidro (como os pontos de venda de sorvete), terão o formato de pequenas colméias (ver desenho). Com 13,74 metros quadrados cada, vão abrigar dois feirantes. "A colméia é a expressão do trabalho coletivo. Dá a sensação de unidade, das pessoas trabalhando juntas. A idéia foi muito feliz", filosofa o principal entusiasta do projeto, o administrador de Brasília, Walter Nei Peninha Valente.

Peninha espera o aval dos feirantes, que serão convocados para uma assembleia na semana que vem, para dar andamento à proposta.

PONTO TURÍSTICO

O desenho foi preparado pela Secretaria de Turismo de Brasília, há mais de quatro anos. Estava na gaveta, por falta de interesse. Mas também ganhou a simpatia do secretário Rodrigo Rollemberg. "A Torre de TV talvez seja o principal monumento e o mais visitado ponto turístico de Brasília. É um local nobre e possui a feira mais tradicional do DF. Só que ela cresceu muito e está desordenada", analisou o secretário.

Roberto Castro



O novo projeto para a Feira da Torre prevê a construção de quiosques para 600 feirantes, sanitários públicos, iluminação, segurança e até fraldário

Segundo Rollemberg, a criação de uma infra-estrutura vai permitir que a feira se torne permanente. "Queremos que ela funcione de segunda a segunda. Todo mundo que visita Brasília quer levar uma lembrança do artesanato local".

O administrador de Brasília também acredita que a nova feira ganhará um novo impulso. "A feira está muito ruim. São as mesmas barracas há anos com as mesmas coisas. A minha mulher, que adora lá, não tem mais estímulo para visitar", exemplifica o administrador.

Segundo Peninha, as barracas estão velhas, as lonas sujas e rasgadas e os feirantes não têm onde guardar as mercadorias. Além disso, o espaço é apertado, o estacionamento insuficiente e só há um banheiro "imundo, infecto e cheio de goteiras" na parte inferior, junto às emissoras de TV. A área verde foi sugerida como uma alternativa, já que não é possível construir na base da torre, para não abalar a estrutura e não gerar infiltrações.

No novo local será possível fazer redes de esgoto, água, luz e edificações. Para não perder o elo com a

Torre, o projeto prevê a construção de duas rampas de acesso à parte inferior. "As pessoas vão poder estacionar o carro lá em cima também, apesar de ter um estacionamento enorme das televisões e da Casa do Teatro Amador", ressalta Peninha.

O administrador garante que a nova feira não vai ferir a arquitetura da cidade. "O que não cabe são as barracas atuais. Elas estão na contra-mão", opinou. Mas quem dará a palavra final sobre o projeto é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), responsável pelo tombamento de Brasília. Também terá que passar pelo crivo do Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do DF.

O secretário de Turismo afirma que Maria Elisa Costa, conselheira do IPHAN, viu e gostou da proposta. Ela é filha de Lúcio Costa, que projetou a torre. Mas a discussão ainda está engatinhando.

Peninha e Rollemberg garantem que, sem o apoio dos feirantes, o projeto será descartado. "Paternalismo eu não admito. Ou os feirantes bancam as barracas, ou nada feito", disse o administrador. "Não

queremos fazer nada de forma autoritária. É um trabalho de parceria entre os feirantes e as Secretarias de Turismo e Trabalho e a Administração de Brasília", acrescenta Rollemberg.

Mesmo sem noção do custo do projeto, os dois estão confiantes de que os feirantes vão apoiar a idéia. "Eles vão adorar. Na hora que virem, vão topa na hora. As novas barracas vão funcionar como chamariz. As pessoas gostam de coisas bonitas e agradáveis", ensina o administrador.

O custo do projeto Colméia ainda está sendo levantado pela Administração de Brasília. Pela proposta, o Governo faria a infra-estrutura e os quiosques, e os venderia aos feirantes, com financiamento do Banco do Brasil. Peninha calcula que a barraca de fibra de vidro custaria o dobro das de ferro e lona, e que cada feirante não pagaria mais de R\$ 50 por mês de prestação, nada que, segundo ele, justifique o aumento do preço do artesanato.

NOVOS EMPREGOS

Como uma parte do investimento seria do próprio Governo, pode haver aí outro problema. Em viagem ao exterior, o governador Cristovam Buarque ainda não foi sequer consultado, mas o secretário de Turismo arrisca

um palpite. "Não digo que seja uma prioridade do Governo, mas o custo não é muito caro. Se houver uma decisão política de fazer, certamente haverá recursos", torce.

"Turismo é prioridade em qualquer País. Ai do governo que não investir nisso", opina o administrador, para quem a feira vai criar mais de 3.500 empregos diretos e indiretos. Entretanto, Peninha não pensa em aumentar o número de feirantes.

"A competição entre eles já está grande", descarta. Além disso, tem a concorrência dos ambulantes da Feira do Paraguai. O administrador acha que como são produtos diferentes, os artesãos não foram prejudicados. Ele acredita que a inauguração do Pólo de Gemas na Torre, em agosto, onde funcionava o restaurante panorâmico, também vai aumentar a clientela.

Responsável pelo cadastramento dos feirantes, Peninha garante que os atuais artesãos terão preferência na compra das barracas e que não haverá taxa adicional, além dos R\$ 46 cobrados atualmente por ano. Só comprará o quiosque quem quiser, mas não será permitida a permanência de feirantes na base da Torre. "Se a maioria decidir sair, todo mundo terá que aceitar", avisa.

Uma batalha de 23 anos

A feirante Cirlene Silva Preusse chega a mudar o timbre da voz ao telefone. "Há 23 anos a gente luta por uma feira digna", desabafa, ao falar sobre o Projeto Colméia. "Se o projeto sair, muita gente vai derramar lágrimas de alegria", conta a feirante, que há 22 anos vende comida italiana e lanches em geral na feira.

Há alguns anos, os feirantes chegaram a fazer um abaixo-assinado e o projeto quase foi implantado.

"O pessoal da bijuteria não deixou sair e chegaram a fazer ameaças de morte", lembra a feirante. A proposta foi esquecida. "Foi a primeira vez que a minoria venceu", acrescentou.

Um dos argumentos contrários na época, lembra Cirlene, era o de que a feira permanente descaracterizaria o artesanato. "Os hippies não concordaram porque acham que tem que ser assim: sujo. Mas o artesão não é hippie. É um trabalhador", ressaltou.

SONHO

Cirlene chega a não acreditar que o sonho possa estar prestes a se tornar realidade e culpa os próprios artesãos pela falta de iniciativa. Ela lembra que sua irmã, Lázara Abadia de Souza, que morreu de câncer no dia 25 de março, passou 24 anos reivindicando um espaço melhor. "De onde estiver, ela vai sorrir de felicidade", opina.

Cirlene disse que só valera a pena mudar de lugar se o projeto for oficial e eles puderem comprar os quiosques. "Será bom tanto para o feirante quanto para o visitante. Temos uma clientela que frequenta a feira todo final de semana. Vamos ter condições dar bom tratamento", diz.

A comerciante, que desativou a Associação dos Manipuladores de Alimentos depois da morte da irmã, acredita que 100% dos feirantes que vendem comida são a favor do projeto. Sem água e energia elétrica na torre, eles são obrigados a preparar o alimento em casa. "Lá não tem a menor condição de higiene. É tudo descartável", conta.

O vendedor de pastéis Antônio Joaquim Estrela também não vê a hora de ter uma barraca definitiva. "Só de não ter a luta do monta e desmonta, já é uma grande coisa", explica o comerciante, que aceita as condições do Governo. "Eu pagaria sem dúvida nenhuma, desde que fosse facilitado".

A artesã Ana Maria Wolff também não aguenta mais a falta de estrutura. "É um sofrimento todo domingo, montar e refazer. Vem o vento e a lona sai voando. Se chove, molha tudo. É um horror", conta, lamentando a perda de vários objetos para bebê, como cestas e potes que produz.

Além do conforto, Ana Maria acha que a nova feira traria segurança. "O que roubam aqui é uma coisa incrível", comenta. Quem é a favor do projeto Colméia lembra com amargura da resistência de alguns colegas.

